



ARRUADA

RITA

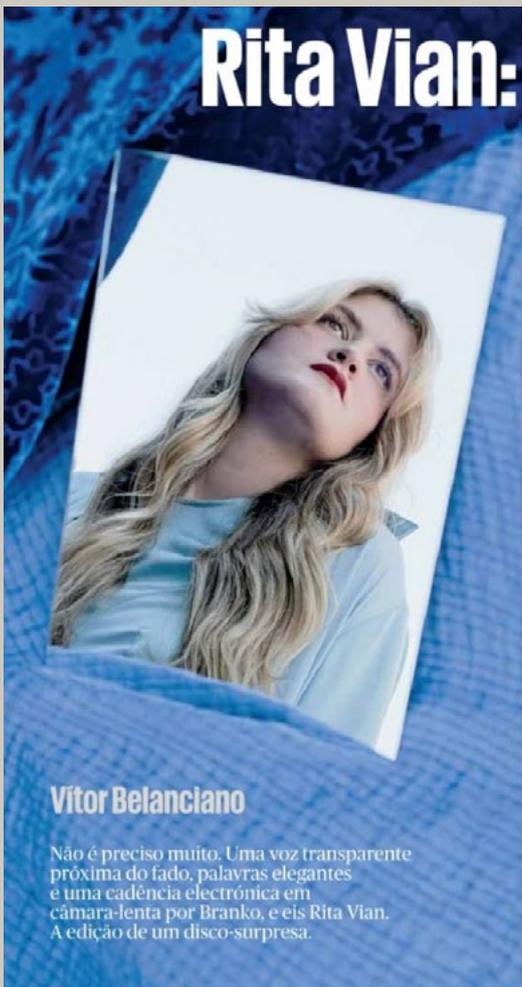
VIAN



Rita Vian trabalha a sua voz e composição num espectro **amplo** entre a **electrónica** e a **tradição**. O **fado** é um capítulo muito importante na sua expressão artística, bem como a **música urbana** é a outra face dessa mesma artista. O remix de **Branko** para o single **"Sereia"** apresentou **Rita Vian** a uma audiência mais ampla. Seguiu-se **"Purga"**, que conta com um vídeo realizado por **João Pedro Moreira** (Buraka Som Sistema, Regula, Dino D` Santiago). Este tema foi considerado pela plataforma digital **TIDAL** uma das **melhores músicas de 2020**, a **canção nacional de 2020** pela rádio **RADAR** e uma das canções portuguesas que salvaram 2020 pelo **Observador**. Os caminhos de **Rita Vian** são tão **inesperados como arrebatadores**. **CAOS'A** é o título do novo EP de **Rita Vian**. O EP de **cinco temas** conta com a produção de **Branko** e tem como single **"Trago"**, com realização do João Pedro Moreira. Depois de uma composta casa no **Teatro Tivoli BBVA (Lisboa)** seguiram-se apresentações no **Maus Hábitos (Porto)**, **Courage (Paredes de Coura)**, ambos em 2021. Em 2022, os momentos ao vivo não pararam em palcos como **ID NO LIMITS**, **NOS Primavera Sound**, **NOS Alive**, **Bons Sons**, **Festival F**, **Vodafone Paredes de Coura**, entre outros.

Para 2023 há música nova à espreita.

CAOS'Ahttps://open.spotify.com/album/4vd3ussiCrKb6XO92DOsys?si=muefpIYiSuGhJkAlt_UNrw&dl_branch=1**"TUDO VIRA" - AO VIVO NA ANTENA 3**<https://www.youtube.com/watch?v=v2hQoFlxgJE>VIDEOCLÍPE - **"HPA"**<https://youtu.be/jTAC5I9JBqE>VIDEOCLÍPE - **"TRAGO"**<https://www.youtube.com/watch?v=WEeF5hPdaX8>VIDEOCLÍPE - **"PURGA"**<https://www.youtube.com/watch?v=hLCobrmB710>**SITE**<http://arruada.com/pt/artistas/rita-vian>**SPOTIFY**<https://open.spotify.com/artist/2F6B2QaWX7cz72kKtY8LRD>**INSTAGRAM**https://www.instagram.com/ritavian_/**FACEBOOK**<https://www.facebook.com/ritaviann>**YOUTUBE**<https://www.youtube.com/channel/UCBSUzKTvXfAvV7099sa5RUg>



Rita Vian: "Cantar e escrever dão sentido aos meus dias"

Nos últimos anos o fado tem-se afirmado como referência inspiradora (Raül Refree) e certamente que Rita Vian também irá ser enquadrada para praticantes das mais diversas línguas (Conan O'Riis, Pedro Mafama, Fado Bicha, João Não, Lina nessas movimentações



Caixa's Rita Vian Ed. Arruad

★★★★★

A sua voz já chamou a atenção em alguns lançamentos avulsos, mas esta sexta-feira, de surpresa, aí está ela com o seu primeiro disco a sério. Chama-se Caixa. São cinco canções, com produção de João Barbosa, ou seja Branko, suficientes para se entender que Rita Vian não é estrepada cadente. O balanço insinuante electrónico aliça-se na perfeição numa voz que consegue ser tão profunda quanto libertar leveza. Fazendo-o com a maior das naturalidades, sem tréguas indolentes.

"Cresci no meio de música, por causa da minha família, que sempre que se reúne acabava a cantar e a tocar", diz aos Rita Vian, 29 anos. "A maioria das músicas que se cantavam em casa dos meus avós eram no capela e num registo que só muito mais tarde vim a perceber que se enquadrava na ideia de fado canção." O tio, o terapeuta vocal e cantor lírico Luís Madureira, ajudou a circunstancialmente, mas todo o seu percurso foi feito de intuição. "As músicas da minha avó, como chamam a esses fados, foram fundamentais nesse meu início. Depois, já na adolescência, era difícil ouvir essa música. Nemham dos meus amigos tinha qualquer relação com fado. Era o deserto. Os meus amigos da música eram do rap."

Mé aos dez anos viveu em Masamk, depois já em Lisboa, seguiu-se Telheiras e Laranjeiras. Agora habita em Marvila. Em todas essas demarcações captou o fado do lado familiar e as derivações urbanas, hip-hop, R&B ou electrónicas, das socialidades entre amigos. "Consigo encontrar paralelismos entre o rap e o fado, por exemplo, a nível emocional. Em ambas as experiências existe urgência em dizer, em verbalizar, em comunicar. É como se existisse uma espécie de

sufoco que é preciso tirar cá para fora. São músicas que me atraem, tanto podendo funcionar como catarse ou escape."

Em 2010, acabou por participar num programa da TV de captação de talentos, a Operação Triunfo, que lhe serviu essencialmente, diz com distância, "para perceber o que sentia em palco. Foi quase como uma terapia de choque, para perder a vergonha de cantar em frente aos outros, porque até aí havia estado fechada na minha bolha." Nesse momento acabaria por travar conhecimento com o videasta e músico João Pedro Moreira, que a convidou a juntar-se à banda a que pertence, os Beautiful Junkyards. "Tinha 18 anos, havia coisas que me tinhames van, principalmente o lado tradicional português, mas era um projecto já bem desenhado e com objectivos definidos e nunca foi um espaço onde encontrasse o meu lugar. Fazia melodias de voz e escrevi umas das letras, mas o facto de trabalhar ao mesmo tempo também não ajudava. Trago amizades para a vida dos Beautiful, mas percebi cedo que não seria por aí, embora tenha sido importante estar ali."

A procura era outra, embora não a conhecesse nem com exactidão. De um lado havia o fado, mas não chegou. A ideia foi sempre adocionada por outros cantores. "Andei sempre pelo fado, cantando Amália, Maria Teresa de Noronha, e os fados da casa da minha avó, mas faltava uma qualquer coisa que não sabia exactamente o que era. Os fados que se cantavam em casa dos meus avós não tinham som por trás. Não havia guitarra portuguesa. A maior parte das vezes era o capela. Depois cantava fado com os meus amigos, ao final da noite. Até combe o [guitarista] Gaspar Varela nessas circunstâncias, a cantar, de madrugada, para os amigos que me pediam. Mas nunca fui a casa de fados. Nunca foi esse o meu percurso. Não combeo quase ninguém desse universo."

Pelo caminho foi tocando outras colaborações, de DJ Chase Mike El Nito, acabando por, em 2010, lançar o primeiro tema a solo, Diágnosis, a que se seguiu o single Serviu, que já reuniam uma combinação entre ambientes digitais e uma forma de cantar próxima do fado, embora ainda não com a ritmidez actual. "Quando cantei no Carnem com o Mike El Nito, ele disse-me que o [produtor] Franklin Beats estava

interessado em falar comigo e começámos a trabalhar, e que acabou por ser uma primeira e importante forma de procurar essa sonoridade mais electrónica, por entre algumas das coisas que lá tendo do trabalho na restauração, na Música e no Café com Calma."

Quem já a ouviu cantar percebe que incorpora com facilidade os mais diversos temas, expondo-os de uma forma tranquila, elegante, íntima. "Essa forma de estar, lá está, vem de casa dos meus avós. Todas as canções eram cantadas de forma suave, muito fadista, mas sem os tréguas acentuados de algum fado. A minha mãe sempre teve uma forma inconsciente de cantar, onde era transportada de imediato para esse lado deixado da canção, reinterpetando-a à sua maneira. Ela dizia-lhe: 'mãe, a música não é assim!' E agora dou por mim a cantar da mesma forma."

Ro se quando lembra esses tempos iniciais de tréguas vocais, já com a escrita a relação pareceu ser vivenciada de forma mais séria. Era através dela que se refugiava do mundo exterior. Talvez por isso diga que tem uma relação radical com ela. "As vezes dou por mim a pensar como aplico a minha forma de escrever a uma canção — que acaba por ter um lado automático — sem diminuir o que quero expressar. Isso foi uma aprendizagem e é algo de que não quero prescindir. Sou radical nisso. Depois o passo seguinte foi encontrar alguém que estivesse disposto a criar música comigo que não passasse necessariamente por uma guitarra. E isso acabou por demorar."

Depois agostou João Barbosa, ou seja Branko, um dos fundadores dos Buraka Som Sistema e já com um considerável trajecto a solo. Ele havia feito uma referência do tema Serviu e a possibilidade de colaboração foi se desenhando entre os dois.

"Todos os temas deste disco são produzidos por ele e só tenho de agradecer. A excepção é Plano, uma música que era para eu cantar num projecto dele. De resto, todos os temas foram feitos da mesma maneira: primeiro uma melodia e capela, e depois a letra, havendo mais tarde tempo para terminar a estrutura. O Branko ia trabalhando diversas versões do que poderia ser essa base e chegávamos a uma conclusão. Foi sempre assim, a excepção é essa tal música, que não é minha, mas dos dois."

A cadência rítmica dos temas resulta em algo de suspenso, com in-

"Consigo encontrar paralelismos entre o rap e o fado, a nível emocional. Existe urgência em dizer, em verbalizar, em comunicar. É como se existisse um sufoco que é preciso tirar cá para fora. São músicas que me atraem, tanto podendo funcionar como catarse ou escape"

teressado em falar comigo e começámos a trabalhar, e que acabou por ser uma primeira e importante forma de procurar essa sonoridade mais electrónica, por entre algumas das coisas que lá tendo do trabalho na restauração, na Música e no Café com Calma."

Quem já a ouviu cantar percebe que incorpora com facilidade os mais diversos temas, expondo-os de uma forma tranquila, elegante, íntima. "Essa forma de estar, lá está, vem de casa dos meus avós. Todas as canções eram cantadas de forma suave, muito fadista, mas sem os tréguas acentuados de algum fado. A minha mãe sempre teve uma forma inconsciente de cantar, onde era transportada de imediato para esse lado deixado da canção, reinterpetando-a à sua maneira. Ela dizia-lhe: 'mãe, a música não é assim!' E agora dou por mim a cantar da mesma forma."

Ro se quando lembra esses tempos iniciais de tréguas vocais, já com a escrita a relação pareceu ser vivenciada de forma mais séria. Era através dela que se refugiava do mundo exterior. Talvez por isso diga que tem uma relação radical com ela. "As vezes dou por mim a pensar como aplico a minha forma de escrever a uma canção — que acaba por ter um lado automático — sem diminuir o que quero expressar. Isso foi uma aprendizagem e é algo de que não quero prescindir. Sou radical nisso. Depois o passo seguinte foi encontrar alguém que estivesse disposto a criar música comigo que não passasse necessariamente por uma guitarra. E isso acabou por demorar."

Depois agostou João Barbosa, ou seja Branko, um dos fundadores dos Buraka Som Sistema e já com um considerável trajecto a solo. Ele havia feito uma referência do tema Serviu e a possibilidade de colaboração foi se desenhando entre os dois.

"Todos os temas deste disco são produzidos por ele e só tenho de agradecer. A excepção é Plano, uma música que era para eu cantar num projecto dele. De resto, todos os temas foram feitos da mesma maneira: primeiro uma melodia e capela, e depois a letra, havendo mais tarde tempo para terminar a estrutura. O Branko ia trabalhando diversas versões do que poderia ser essa base e chegávamos a uma conclusão. Foi sempre assim, a excepção é essa tal música, que não é minha, mas dos dois."

A cadência rítmica dos temas resulta em algo de suspenso, com in-

teressado em falar comigo e começámos a trabalhar, e que acabou por ser uma primeira e importante forma de procurar essa sonoridade mais electrónica, por entre algumas das coisas que lá tendo do trabalho na restauração, na Música e no Café com Calma."

Quem já a ouviu cantar percebe que incorpora com facilidade os mais diversos temas, expondo-os de uma forma tranquila, elegante, íntima. "Essa forma de estar, lá está, vem de casa dos meus avós. Todas as canções eram cantadas de forma suave, muito fadista, mas sem os tréguas acentuados de algum fado. A minha mãe sempre teve uma forma inconsciente de cantar, onde era transportada de imediato para esse lado deixado da canção, reinterpetando-a à sua maneira. Ela dizia-lhe: 'mãe, a música não é assim!' E agora dou por mim a cantar da mesma forma."

Ro se quando lembra esses tempos iniciais de tréguas vocais, já com a escrita a relação pareceu ser vivenciada de forma mais séria. Era através dela que se refugiava do mundo exterior. Talvez por isso diga que tem uma relação radical com ela. "As vezes dou por mim a pensar como aplico a minha forma de escrever a uma canção — que acaba por ter um lado automático — sem diminuir o que quero expressar. Isso foi uma aprendizagem e é algo de que não quero prescindir. Sou radical nisso. Depois o passo seguinte foi encontrar alguém que estivesse disposto a criar música comigo que não passasse necessariamente por uma guitarra. E isso acabou por demorar."

Depois agostou João Barbosa, ou seja Branko, um dos fundadores dos Buraka Som Sistema e já com um considerável trajecto a solo. Ele havia feito uma referência do tema Serviu e a possibilidade de colaboração foi se desenhando entre os dois.

"Todos os temas deste disco são produzidos por ele e só tenho de agradecer. A excepção é Plano, uma música que era para eu cantar num projecto dele. De resto, todos os temas foram feitos da mesma maneira: primeiro uma melodia e capela, e depois a letra, havendo mais tarde tempo para terminar a estrutura. O Branko ia trabalhando diversas versões do que poderia ser essa base e chegávamos a uma conclusão. Foi sempre assim, a excepção é essa tal música, que não é minha, mas dos dois."

A cadência rítmica dos temas resulta em algo de suspenso, com in-

Vitor Belanciano

Não é preciso muito. Uma voz transparente próxima do fado, palavras elegantes e uma cadência electrónica em câmara-lenta por Branko, e eis Rita Vian. A edição de um disco-surpresa.

Público
Vitor Belanciano, 25 de Junho '21



Na voz um travo fadista, no ritmo a batida electrónica: é no futuro que Rita Vian canta a melancolia portuguesa /premium



Gonçalo Correia
Texto



Tomás Silva
Fotografia

Podia ser uma equação: ritmo electrónico + travo tradicional na voz = Rita Vian. O primeiro EP, com produção de Branko, revela um caminho novo para a canção portuguesa. Entrevistámo-la em Lisboa.

▲ "Comecei a escrever muito pequena e isso ajudou-me a ter essa companhia, a sentir que existem pessoas que não têm receio de ter profundidade e não têm receio de escrever sobre isso", diz-nos Rita Vian
TOMÁS SILVA/UBSERVAJUM

Observador
Gonçalo Correia, 25 de Junho '21



CAOS'A

Rita Vian
EP digital Arraial

Rita Vian tem uma daquelas raras vozes que sentiríamos como familiares mesmo se nunca a tivéssemos escutado antes. O timbre quente, a forma como pronuncia cada palavra, a luminosidade que transpira a cada respiração são atributos que poucos cantores têm a sorte de ter como ponto de partida. Contudo, e para lá deles, Vian nasce para a música com o dom visceral de escrever canções que nos desconcertam, esmagam, reconstróem e nos devolvem, do outro lado, mais completos. Ao soltar-se dos Beautify Junkyards e decidir agarrar o destino com as próprias mãos, escutámo-la a explorar a sua artéria fadista em 'Carmen', de Mike El Nite, e a cantar, sobre batidas de DJ Glue, em 'Rita'. 'Diágonas', a primeira canção própria, de 2019, completou a metamorfose e, desde então, presenteou-nos com uma 'Sereia' nostálgica e uma sublime 'Purga', onde, pela primeira vez, juntou a escrita alegórica e o surrealismo que lhe escorre do nome à produção exímia e subtil de Branko. É com engenho e sensibilidade que Rita Vian se inventa em "Caos'a", um exercício de canções existencialistas, integralmente produzido pelo homem dos Buraka Som Sistema, nas quais segue arranjando e desarranjando os pedacinhos que compõem o caos interno, num processo de descoberta das causas que a norteiam. Apresenta-se em 'Plana', entre "cenas turvas, confusas e cintilantes", numa cama de ritmos hipnóticos; assume a existência de uma "versão alternativa" de si na aflição cíclica de 'HPA'; abandona-se nos ecos da eternidade em 'Tudo Vira'; sucumbe ao desejo e à antecipação do outro em 'Trago'; e cola estilhaços de coração numa 'Caos'a' que a devolve transformada. Ouvir estes 20 minutos da música de Vian é ficar a conhecer alguém que partiu em busca de um equilíbrio entre a tradição e a modernidade e percebeu que é na viagem não-linear entre passado, presente e futuro que está o ganho. "Caos'a" é Rita Vian, e Rita Vian somos todos nós, aqui e agora. / MÁRIO RUI VIEIRA

Expresso
Mário Rui Vieira, 30 de Julho '21

7 — MÚSICA

PORTO E LISBOA

Rita Vian

A nova estrela no festival do outono

A cantora portuguesa dá o pontapé de saída da edição deste ano do Misty Fest que se prolonga até 6 de dezembro com mais de 20 concertos em dez cidades

Ainda é, por vezes, apresentada como uma promessa da nova cena musical portuguesa, mas essa expressão já não faz jus a tudo aquilo que a cantora lisboeta alcançou desde 2019, quando se apresentou com o single *Diágonas*, no qual lançou as pistas para a sua música de espectro muito alargado, alicerçada na tradição, especialmente do fado, mas construída através da eletrónica e de uma voz única e fresca. A colaboração com Branko, no tema *Sereia*, apresentou-a a um público mais amplo, que a tem seguido ao vivo nalguns dos maiores festivais nacionais, como *Paredes de Coura*, *Alive*, *Bons Sons* e *Festival F* ou em salas como *Maus Hábitos*, *Tivoli* e *Theatro Circo*. O primeiro EP em nome próprio, *Caos'a*, foi lançado no ano passado e é esse trabalho que serve de base aos dois concertos de abertura da edição do festival

Misty Fest deste ano, na Casa da Música e no Museu do Oriente, onde assume um estatuto de cabeça de cartaz. "Cantar no Misty Fest vai ser muito especial por poder cantar em salas tão únicas quanto essas e também porque, de certa forma, representa o fecho do ciclo de apresentações do *Caos'a*", disse à VISÃO. O festival, que este ano decorre até 6 de dezembro em dez cidades (Lisboa, Porto, Torres Novas, Loulé, Tavira, Espinho, Braga, Guarda, Figueira da Foz e Portalegre) conta com atuações de músicos como Joep Beving, Lisa Gerrard e Jules Maxwell, Edu Lobo e Mónica Salmaso, Roger Eno, Joana Serrat ou Tigran Hamasyan. — Miguel Judas

Casa da Música > Av. da Boavista 604-610, Porto > T. 22 012 0220 > 5 nov, sáb 21h > €20 > Museu do Oriente > Av. de Brasília, Doca de Alcântara, Lisboa > T. 21 358 5200 > 6 nov, dom 21h > €15

96 VISÃO 3 NOVEMBRO 2022

Visão
Miguel Judas, 3 Novembro '22

A SERENIDADE DO PRESENTE

A 13.ª edição do Misty Fest é música, talento, mas é também um fecho de ciclo. Assim acredita Rita Vian, que nos palcos do Porto e de Lisboa, a 5 e 6 de novembro, leva à luz as muitas mudanças que lhe couberam no quotidiano. Por Tiago Neto

PODEMOS falar da improbabilidade de o fado, o r&b e a eletrónica se encontrarem sob o mesmo espetro, ou de como um acompanhamento instrumental orgânico valoriza a poesia em detrimento de uma produção computadorizada, à partida mais fria, não fosse esse o cartão de visita da obra de Rita Vian, que esta sexta e sábado, 5 e 6 de novembro, atua na Casa da Música (Porto) e no Museu do Oriente (Lisboa) como parte do cartaz do Misty Fest.

É neste desafiante espaço criativo que a agora lisboeta de 30 anos deambula, munido-se de uma escrita ora soalheira ora tempestuosa, de voz serena, tal como o seu trabalho de estreia, *Caos'á*, um exercício descritivo dos altos e baixos vividos no dia a dia que Vian aprendeu, desde cedo, a transformar em diário de bordo. Talvez por isso, diz, o caminho tenha passado pela licenciatura em Jornalismo.

"Quería escrever e acabei por ir para jornalismo a pensar nisso. Foi até o meu pai quem falou dessa opção e ficou-me na cabeça. Depois cheguei à conclusão de que a minha escrita era demasiado criativa e não era esse o caminho que queria. A ideia de contar histórias interessa-me muito, mas queria contar a minha história, as coisas que me interessam."

O EP, editado em 2021, com produção de João Barbosa [Branko] foi a porta de entrada para o percurso a solo, depois de deixar para trás os Beautify



Junkyards, banda que integrou após a participação no programa de talentos *Operação Triunfo* e que viria a deixar em 2018. Construiu-o como um processo de gestos e de sentimentos que captava e que enquadrava em metáforas. "As tantas apercebes-te de que és mesmo movido por isso, que é uma coisa natural", e juntou-lhe uma componente visual que descreve essa relação entre o caos e as suas causas, não necessariamente em tempo real. Apesar disso, é no presente que gosta de focar a energia, por muito que a paisagem da escrita a empurre para a nostalgia. "É óbvio que há momentos em que ela vem e ainda bem, consegues fazer um paralelo com aquilo que te traz até aqui, uma coisa saudável de ir, voltar e continuar onde estás", descreve. É, segundo ela, esta empatia com o bom do passado que leva as pessoas ao seu universo, sem nunca deixar de as puxar de volta.

"A minha vida é o meu trabalho e cada vez mais tento que não haja um lado nostálgico. Quanto melhor conseguirmos sair daí, dessa romantização do passado, mais presentes estamos, melhor sentimos o que acontece à nossa volta."

Na calha já tem um novo disco, um trabalho em curso que lhe há de traduzir as "muitas voltas" que a vida deu nos últimos meses. Não obstante, nas

O piano é um dos motores de criação de Rita Vian. Um recurso que agradece às memórias de infância com a avó a tocar

Com produção de Branko, *Caos'á* é o primeiro trabalho a solo de Rita Vian. Uma viagem de metáforas pela poesia, pelos gestos e sentimentos que captou no dia a dia

duas datas no Misty Fest, é a entrega que conta em palco, para que tudo se encerre em si mesmo – e para que o mundo possa prosseguir a ser contado pelas palavras: "Os concertos são o fechar de um ciclo, mais do que novidade. Foi um processo intenso de trabalho e desafio pessoal, muitas mudanças que se assinalam em Lisboa e no Porto, duas cidades que muito me marcaram. É fechar o ciclo de algo que me apresentou às pessoas e que ainda me vai marcar muito."

Com arranque a 31 de outubro e programação que se estende até 7 de dezembro, o festival que condensa vários estilos musicais e que prima pela descentralização reparte-se por várias cidades do País: Braga, Espinho, Figueira da Foz, Guarda, Lisboa, Loulé, Portalegre e Porto emprestam salas como a Casa da Música, o Museu do Oriente, o Teatro Circo, o Centro Cultural de Belém, o CAE da Figueira da Foz, o Teatro Municipal da Guarda, o Auditório de Espinho – Academia ou o CAE Portalegre.

Os ingressos para os concertos de Rita Vian custam €20 (Porto) e €15 (Lisboa). Descubra outros destaques do cartaz, já aqui ao lado. **Q**

MISTY FEST
• De 5/11 a 7/12
€10 a €40

Sábado
Tiago Neto, 3 Novembro '22